

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE IMAGEM DO CORPO

Annik M.J.S. Rosiers Fonseca
Universidade de Brasília

RESUMO — Baseando-se principalmente na contribuição de Lacan, o presente trabalho apresenta algumas reflexões sobre a noção de imagem do corpo, situando-a em relação às perspectivas fenomenológicas e fisiológicas do corpo.

O estudo da infância caracterizada pela elaboração da unificação do corpo, como também o estudo da psicose, com sua problemática do corpo despedaçado e do "corpo perdido" constituem classicamente as vias reais para abordar a imagem do corpo. O estudo aprofundado das repercussões de certas cirurgias mutiladoras como, por exemplo, a mastectomia pode talvez contribuir para um melhor conhecimento do corpo vivido e da imagem do corpo.

REFLEXIONS ON THE CONCEPT OF BODY IMAGE

ABSTRACT - This paper, based on the work of Lacan, attempts to describe the psychoanalytical concept of body image, distinguishing it from the phenomenological and physiological approaches. The study of the elaboration of the unified body image during childhood as well as the study of the divided body and "lost body" in psychosis are considered the classical ways to approach body image. However, deeper research on the repercussions of some types of mutilating surgery, for instance mastectomy, may contribute to a better knowledge of how one experiences his own body and of the resulting body image.

A noção de imagem do corpo deve ser articulada com as abordagens fenomenológica e fisiológica do corpo. Convém situar o conceito de imagem do corpo dentro da perspectiva psicanalítica.

A fenomenologia aborda o problema do corpo, destacando sua dimensão mortal de sua dimensão sexuada. O corpo mortal diz respeito à estrutura temporal do mundo vivenciado pelo sujeito. O homem é corpo e tem que reconhecer a sua finitude. O corpo sexuado diz respeito à estrutura espacial do mundo vivenciado pelo sujeito. Enquanto ser sexuado, o homem é marcado na sua carne por uma distância radical. A partir da indiferenciação primeira dos sexos, se estabelece uma relação de oposição e de complementaridade entre os dois sexos. E pela mediação do corpo que o sujeito se abre ao mundo; é graças a este corpo que ele existe como sujeito, quer dizer, como presença, como intencionalidade. Corpo e intersubjetividade são assim necessariamente ligados: o corpo é abertura ao mundo e portanto inclui a presença corporal do outro. A dialética intersubjetiva é constitutiva do sujeito como sujeito, situando-o em relação ao mundo e ao outro. Enfim, a sexualidade é um modo privilegiado de experiência intersubjetiva. Como diz De

Waelhens (1958), a sexualidade visa ultrapassar a alteridade na constituição de uma subjetividade nova e comum.

A fenomenologia questiona o corpo do qual temos consciência, enquanto a imagem do corpo é do domínio da psicanálise, pois a imagem do corpo permanece no inconsciente e por consequência é fora do tempo e do espaço. A imagem do corpo pertence ao registro imaginário e não pode ser confundida com o conceito de esquema corporal, procedente de um registro sensório-motor e intelectual. O esquema corporal é pré-consciente e sua base é neurofisiológica: o corpo serve como instrumento de ação no espaço e sobre os objetos. O esquema corporal nos fornece o conhecimento e a orientação de nosso corpo no espaço para nos permitir agir neste espaço com eficácia. Toda percepção evoluída (relevo, movimento, localização de sensações em regiões específicas do corpo) pressupõe necessariamente um quadro de referência implícito que é uma representação mental abstrata e esquemática da organização sensório-motora, em função das três dimensões do espaço. A primeira dimensão é a verticalidade que determina as condições de equilíbrio do corpo em diferentes posições. A segunda dimensão, a lateralidade, implica uma dissimetria relativa e uma complementaridade eventual da direita e da esquerda com a inversão da imagem especular. A profundidade do campo perceptomotor, terceira dimensão do espaço, permite a avaliação da distância dos objetos com relação ao corpo e a dupla localização dos estímulos físicos no mundo exterior, quanto à sua emissão, e sobre o corpo, quanto à sua reação. É esta representação mental abstrata e dinâmica que foi denominada esquema corporal por Head (em Schilder, 1968).

Estas considerações são apenas um esboço da perspectiva fenomenológica e da perspectiva neurofisiológica do corpo, visando situar melhor o conceito de imagem corporal. O estudo da infância como também o estudo da psicose constituem classicamente as vias reais para abordar a imagem do corpo. Entretanto, as repercussões psicológicas de certas cirurgias mutiladoras como, por exemplo, a mastectomia, começaram a ser pesquisadas; este campo constitui provavelmente uma abordagem original da imagem do corpo.

A imagem do corpo é uma noção analítica pós-freudiana, introduzida por Paul Schilder (1968), o primeiro autor a reconhecer a estrutura libidinal da imagem do corpo, o que foi subsequentemente desenvolvido por vários autores. A imagem do corpo pertence ao registro imaginário, caracterizado pela preponderância da relação com a imagem do semelhante. A imagem corporal é inconsciente e sua base é afetiva. O corpo é vivido como o primeiro meio de relação com o outro. O conceito de imagem do corpo nasceu da perspectiva histórica e estrutural da psicanálise. Por ocasião do desenvolvimento de suas funções biológicas, a atenção da criança é atraída por zonas diferentes do seu corpo, tanto mais quanto o exemplo lhe é dado por seu ambiente, interessando-se de modo particular por tal zona ou tal função (por exemplo: nutrição, defecação, ereção). As relações de objeto, ou seja, as atitudes interiores da criança para com o objeto de seu desejo põem inicialmente em jogo zonas e funções do corpo enquanto servem como lugar de trocas com o ambiente e enquanto concedem um prazer intenso à criança. A boca e a sucção do seio constituem para o lactante, antes da troca de olhares, o primeiro tipo de comunicação com a mãe e a primeira experiência de prazer. Um sistema significativo infralinguístico se elabora anterior e concomitantemente à aquisição da linguagem, sem a posse do qual, a linguagem funciona em vão (cf. a esquizofrenia). O sistema se estrutura em relação às fases do desenvolvimento psicosssexual e dos significados característicos a cada uma destas fases: devorar-

ser devorado, referente à fase oral; atividade-passividade, à fase anal; fálico-castrado, à fase fálica. Portanto, a criança tem de seu corpo, a cada idade, uma imagem dinâmica que resulta dos diferentes investimentos libidinais fixados em várias partes do corpo, como pode ser observado nos desenhos infantis.

Anzieu (1970) citando Melanie Klein lembra que cisão do objeto bom e mau é o primeiro mecanismo de defesa do lactante. Este mecanismo vital para a criança permite-lhe guardar o bom dentro dela e rejeitar o mau para o lado de fora. A representação de um envolvente separando o bom no interior e o ruim no exterior é o resultado desta clivagem: a superfície do próprio corpo, protótipo dos contornos do ego vindouro, é imaginada como uma barreira porosa e portanto frágil, mas assim mesmo, uma barreira protetora contra a perda do bom e a entrada do mau. Os orifícios ambivalentes desta superfície permitem a entrada do bom e a saída do mau. Esta primeira imagem do corpo, como superfície tátil e visual, fornece o espaço imaginário onde se desenrola o sonho.

Na continuação do desenvolvimento psíquico, o estágio do espelho vem reforçar e remanejar o pré-ego corporal. A primeira tomada de consciência do corpo próprio, como unificado, provém da confrontação com a imagem especular quando o sujeito se percebe pela primeira vez na sua totalidade. O reconhecimento alegre da imagem especular proporciona à criança o sentimento inebriante da unidade do próprio corpo; a angústia primitiva de despedaçamento é reparada pelo investimento narcísico do próprio corpo. O espaço imaginário habitado pelo corpo possui, então, uma estrutura duplamente simétrica nos eixos horizontal e vertical: a direita e a esquerda são simétricas, como o são, por outro lado, o corpo do sujeito e o do outro (o da imagem especular). O outro torna-se o simétrico e o complementar do ego: se há reciprocidade para com ele, não há reversibilidade.

O corpo será em seguida idealizado como belo e forte: a criança representa a si mesma conforme a imagem de sua onipotência mágica como falo. Os desenhos infantis contêm sinais não só da virilidade ou da feminilidade mas ainda do narcisismo e de suas feridas.

Em suma, a imagem do corpo pode ser entendida como uma imagem narcísica que se elabora na alternância da presença e da ausência materna. Ela irá refletir a história do sujeito nas suas relações com a mãe e com o ambiente; esta história não se reduz às sensações experimentadas mas diz respeito também, devido a evolução psicosssexual da criança, ao que foi simbolicamente apreendido. É através da mediação pela palavra que a imagem do corpo se constitui e se unifica verdadeiramente. Na fase do espelho, a tomada de consciência do corpo unificado é ainda imaginária. Mas é no declínio do Édipo que essa distância entre o sujeito e o outro se torna real, porque o outro é vivenciado como verdadeiramente outro em relação ao sujeito. Portanto a imagem do corpo decorre das experiências simbólicas das relações afetivas com os dois pais e não só das relações sensoriais.

Essas considerações se inscrevem dentro de uma dupla abordagem psicanalítica do corpo: a perspectiva freudiana (1964, 1967, 1969) do corpo infantil polimorfamente erotizado que tem que se sexualizar, e a contribuição de Lacan (1967) em relação à constituição do corpo no sentido de uma unificação estruturante.

A imagem do corpo, segundo Pankow (1969), exerce duas funções. A primeira função fundamental se refere à sua estrutura espacial enquanto forma ou "gestalt"; esta estrutura espacial expressa uma relação dinâmica entre as partes e a totalidade. Já a segunda função não diz respeito mais à estrutura enquanto forma, mas sim enquanto conteúdo e sentido. Trata-se da imagem como representação ou

reprodução de um objeto. Aqui, a imagem do corpo dá acesso ao outro e às relações humanas.

Veremos agora como as duas funções da imagem do corpo se encontram alteradas na psicose. O estudo da psicose representa, de fato, uma abordagem importante da imagem do corpo.

A psicose pode ser considerada como um bloqueio ao imaginário: o sujeito se identifica ao olhar do outro dentro de uma relação puramente dual. Convém ponderar que o imaginário é alienante na medida em que há forclusão do simbólico. A imagem, sem o suporte da palavra, não estrutura o simbolismo mas inversamente, como diz Dolto (1969), a palavra sem imagem só estrutura esquizofrênicos. Quer dizer, a palavra não basta, nem a imagem; ambas são necessárias para se chegar à experiência do real. O esquizofrênico parece viver num mundo simbólico cuja "realidade" é desprovida de qualquer laço imaginário.

Enquanto Lacan insiste sobre o engodo e a ilusão da imagem, Dolto sublinha o aspecto positivo e dinâmico do imaginário; graças ao registro imaginário, segundo Dolto, não falamos como um cego das cores e não vivemos num mundo simbólico sem forma, sem limite e sem afeto.

Aulagnier (1964) afirma que as mães "normais" quando grávidas, geralmente representam o bebê a vir como um corpo completo e unificado, sexuado e autônomo. A autora chamou esta representação de "corpo imaginado". Entretanto as mães de psicóticos não chegariam a ter, quando grávidas, uma representação imaginária da criança a vir; elas imaginariam essa massa dentro delas como um enchimento corpóreo, como uma espécie de órgão prolongando o próprio corpo. Podemos discernir neste narcisismo e nesta onipotência a origem da forclusão do pai. O embrião é negado como fruto de uma união sexual. Nestas condições, o parto só pode ser vivenciado como uma perda, uma ruptura, um luto. Assim, a criança torna-se objeto parcial e não objeto desejante no seu relacionamento com a mãe. A recusa de separação corporal é muito nítida nas mães de psicóticos: admitir a autonomia da criança seria reconhecer a própria castração.

O imaginário, segundo Lacan (1967), diz respeito à unificação, à ausência de corte, à não-diferença. A ordem simbólica, ao contrário, fundamenta-se na articulação, na diferença, na divisão. É relevante evocar as diferentes etapas que marcam a evolução do "corpo real", tal como ele é percebido pelas mães de psicóticos, até o "corpo perdido" definitivamente talvez, para o sujeito psicótico, passando pela problemática da castração e pela do corpo despedaçado.

Na medida em que a criança foi reconhecida pela mãe como equivalente do "corpo imaginado" que a precedeu, o pequeno do homem poderá reconhecer na imagem especular o seu ego-ideal. O encontro com a imagem especular só permite o reconhecimento do corpo inteiro e independente com a aprovação da mãe. Com o psicótico, o processo evolui diferentemente. É o "corpo real" que ele vê no espelho, tal qual este é visto pela mãe, quer dizer, como uma reunião muscular mais ou menos disforme. Em outras palavras, o que se desenha no espelho é ele mais o Outro: a mãe, como agente de castração e ele, corpo real visto pela mãe enquanto lugar da castração.

Este corpo, inexoravelmente castrado, foi chamado por Aulagnier (1964) de "corpo fantasmado". Cada vez que o sujeito se descobre como suporte de um desejo, ele encontra o Outro (a Mãe) que só pode responder como agente de castração. A criança encontra-se, então, incapaz de assumir a castração que visa o corpo inteiro. Numa situação não patológica, entretanto, a criança poderá ter acesso a uma imagem do corpo unificado e assim assumir a castração na medida

em que a castração visa aqui unicamente as relações eróticas (orais, anais, fáticas) com a mãe e não a totalidade do corpo. O corte nas relações simbióticas é estruturante para o sujeito e constitutivo da sua imagem do corpo. Por exemplo, a castração da relação oral para com a mãe, correspondente à liquidação do complexo de desmame, permite à criança ter de seu corpo uma imagem mais elaborada do que uma simples boca a' ser amamentada.

O confronto com o espelho acarreta, portanto, para a criança psicótica, incapaz de assumir a castração, a percepção de um corpo despedaçado "in bits and pieces" segundo a expressão utilizada por Lacan. A criança psicótica adquire, assim, uma imagem fragmentada de seu ego corporal. Dois tipos de alterações são possíveis. Ou a relação de referência pode se reduzir a uma identidade pura e simples entre as várias partes do corpo, sem aceder ao sistema de referência pelo qual qualquer parte é indicadora das outras ou certas partes do corpo podem ser excluídas e provocarão uma imagem despedaçada. Nas duas alternativas, encontramos a dialética da parte com a totalidade, primeira função fundamental da imagem do corpo, profundamente alterada.

Na medida em que o psicótico só é este "agregado muscular" de pedaços, suscetíveis de equivalência pura e simples ou de exclusão fragmentária, ele tentará deixar seu corpo despedaçado para viver "em outro lugar", num mundo desencarnado. A ambigüidade fundamental da pele, superfície envolvente e protetora bem como superfície de trocas, encontra-se anulada na psicose, onde o corpo é um simples envelope sem conteúdo, simples superfície sem intencionalidade. É óbvio que esta imagem corporal não dará acesso ao Outro nem às relações humanas; trata-se, então, da alteração da segunda função da imagem do corpo descrita por Pankow.

Acreditamos que o estudo das repercussões de certas cirurgias mutiladoras como, por exemplo, a mastectomia pode contribuir para o aprofundamento da noção de corpo vivido e da imagem do corpo. O tumor maligno e a ablação do seio dizem respeito ao corpo experimentado e fantasiado pelo sujeito, fonte de dor e de sofrimento, mas também de prazer e de desejo. As reações da mulher mastectomizada são subjetivas e determinadas pela maneira como ela está vivendo seu corpo desde a infância: lugar de todas as suas experiências consigo mesma, com os outros e com o mundo. A sua atitude frente à doença e à perda de uma parte do corpo fortemente investida dependerá da qualidade destas experiências. O câncer da mama, com a mutilação que ele acarreta, sendo que esta mutilação tem muitas vezes uma conotação sexual, abala a estrutura espacial do corpo vivenciado pela mulher. Será que a ablação de um membro altera a imagem corporal nas suas duas funções fundamentais? O câncer é quase sempre associado com a morte e lembra de maneira brutal ao ser humano sua finitude. A perda da mama, no caso, constitui uma verdadeira perda semelhante àquela de um ente querido; a mutilação do corpo precisa ser elaborada através de um trabalho de luto para poder ser integrado pela pessoa. Uma certa imagem de si deve ser abandonada - a imagem de uma pessoa completa, de um corpo são e perfeito - e uma nova imagem de si deve ser investida, imagem defeituosa, incompleta, com certeza, mas ainda viável.

Procuramos descrever e esclarecer a noção de imagem do corpo, com ênfase dada à contribuição de Lacan, porém permanecem duas ambigüidades importantes decorrentes de uma má compreensão do pensamento de Lacan. Primeiramente, convém insistir sobre o fato de que a imagem do corpo não é uma realidade sensível. Há um risco de confusão na medida em que a representação que nós temos de nosso corpo diz mais respeito ao esquema corporal do que à elaboração

estruturante e pulsional de nosso corpo que seria a imagem do corpo. A imagem corporal se vincula à vida pulsional do sujeito e é essencialmente libidinal e dinâmica. Além disto, a imagem do corpo organiza o meio em função da sua própria estrutura. A relação do sujeito com seu corpo expressa-se também através das relações libidinais com os objetos do mundo exterior. Podemos entender, então, porque a organização do espaço próprio pode ser simbólica da imagem do corpo e assim expressiva da sua estrutura afetiva e das relações com o outro.

A segunda ambigüidade é relativa ao momento de aparecimento da imagem do corpo: a imagem do corpo não se elabora num dado momento do desenvolvimento do sujeito. O referido momento, freqüentemente citado, corresponde à construção lacaniana de estágio do espelho, ou melhor, de fase de espelho, expressão que denota, de forma mais apropriada que se trata de um momento dinâmico que se prolonga no tempo. O evento especular é uma dimensão ou um momento lógico, mais do que uma etapa, pois ele acarreta uma identificação no sentido pleno da palavra, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem.

A imagem do corpo só pode ser apreendida a partir de seus efeitos: ela tem o status de realidade do fantasma inconsciente. A análise do inconsciente revela os profundos vestígios de uma estrutura arcaica do corpo humano. Os testes projetivos permitem uma certa apreensão da imagem do corpo; o teste de Rorschach, por exemplo, remete a uma fase pré-verbal da infância e oferece ao testando um espaço vazio onde pode ser projetada a própria imagem do corpo.

Para concluir, propomos a seguinte definição da imagem do corpo: a imagem do corpo apresenta-se como um conjunto estruturado de zonas erógenas; as diferentes zonas erógenas, tendo renunciado a sua autonomia, se unificam num todo; cada zona toma seu lugar numa rede de relações significantes e só se define em relação às outras em virtude da lei que rege uma estrutura.

REFERÊNCIAS

- ANZIEU, D. (1970). *Les méthodes projectives*. Paris: P.U.F.
- AULAGNIER, P. (1964). Remarques sur la structure psychotique I: Ego spéculaire, corps fantasmé et objet partiel. *La Psychanalyse* n.º 8, P.U.F., 47-68.
- DE WAELHENS, A. (1958). Reflexions sur les rapports de la phénoménologie et de la psychanalyse. *Existence et Situation*. Louvain: Nauwelaerts, 191-213.
- DOLTO, F. (1969). *Interview*. Paris. Inédito. Mémoire de Licence en Psychologie de De Kuyper, A.M. (1969). Louvain. Inédito.
- FREUD, S. (1964). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard.
- FREUD, S. (1967). *Abrégé de psychanalyse*. Paris: P.U.F.
- FREUD, S. (1969). *Pour introduire le narcissisme. La vie sexuelle*. Paris: P.U.F.
- Psicol., Teori. Pesqui., Brasília V.1 N.2 p. 168-174 Mai.-Ago. 1985

LACAN, J. (1967). *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*. Ecrits. Paris: Seuil.

PANKOW, C (1969). *L'homme et sa psychose*. Paris: Aubier-Montaigne.

SCHILDER, P. (1968). *L'image du corps*. Paris: Gallimard.

Artigo recebido em setembro de 1984.

174 Psicol., Teori. Pesqui., Brasília V.1 N.2 p. 168-174 Mai.-Ago. 1985